

deus da ira
série legado dos deuses, livro três
rina kent

Tradução de Célia Correia Loureiro

Para os anti-heróis e os vilões.



NOTA DA AUTORA

Olá, caro leitor,

Se nunca leu os meus livros, talvez não saiba, mas escrevo histórias sombrias que podem ser perturbadoras e inquietantes. Os meus livros e as personagens principais não são para os que se impressionam facilmente.

Este livro contém cenas de fetiches primitivos, *dub-con* e menções a agressão sexual. Acredito que conheça os seus gatilhos antes de prosseguir.

Deus da Ira é um livro completamente independente. Para mais informações sobre a Rina Kent, visite rinakent.com.

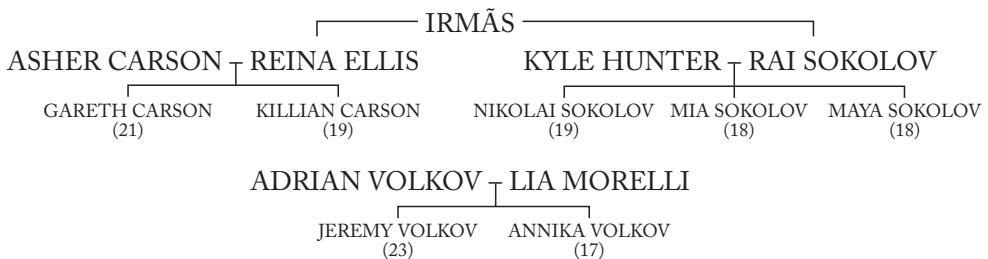


ÁRVORE DO LEGADO DOS DEUSES

UNIVERSIDADE ROYAL ELITE



FACULDADE KING'S U





PLAYLIST

Love and War — Fleurie

Another Love — Tom Odell

We Have It All — Stones

Save Me — Emily Brophy

Blindfold — Sleeping Wolf

Madness — Tribal Blood

Every Breath You Take — Chase Holfelder

I Want You to Want Me — Chase Holfelder

Young Beast — World's First Cinema

Moth to a Flame — The Weeknd & Swedish House Mafia

Certain Things — James Arthur & Chasing Grace

Losing You — James Arthur

Compliance — Muse

Russian Roulette — Rihanna

Podes encontrar a lista de reprodução completa no Spotify.



UM

Cecily

sto é um erro.
O pior de todos.
O mais desastroso de todos.
Talvez até mesmo o mais mortal.

Mudo de posição, a transpirar por baixo da máscara. A minha *t-shirt* e as calças de ganga colam-se à minha pele quente até se tornarem quase insuportáveis.

Inspiro profundamente para encher os pulmões famintos, mas é como se estivesse a engolir fumo. Sinto os dedos a formigar, com vontade de tocar na máscara ou de reajustar a peruca que me aperta o crânio.

Depois de pensar bem, decido não o fazer.

Este lugar deve estar cheio de câmaras de vigilância e a última coisa que quero é chamar a atenção destas pessoas.

Não quando nem devia estar aqui. Atrás de linhas inimigas.

Movo um olhar discreto para o lado, enquanto alterno metódicamente entre respirar pelo nariz e pela boca.

O crepúsculo começa a inclinar-se no horizonte, espalhando um toque de laranja por trás das nuvens cinzentas.

Uma sensação estranha cobre o ar pesado e penetra-me nos ossos. Ninguém, além de mim, parece concentrado na descida cerimonial do Sol nem na silhueta audaz do perigo que envolve este lugar.

Em ambos os lados, estão pessoas a usar máscaras brancas semelhantes, com números pretos escritos na testa.

Fui uma das primeiras a ser autorizada a entrar na câmara da decadência

e sou o número vinte e três. Estou na segunda fila, que, tal como a primeira, tem vinte pessoas.

Não, estudantes.

Há quatro filas, e a quinta está a ser preenchida pelos outros participantes que foram conduzidos para dentro da mansão gótica por homens corpulentos, vestidos com fatos pretos e máscaras grotescas de coelho.

Fendas vermelhas racham as máscaras à altura da boca e rodeiam os buracos por onde se veem os olhos vazios. Mas o que me deixou rígida, além dos dentes afiados e sujos, foi o facto de a segurança à entrada ter verificado duas vezes o código QR do convite no meu telemóvel.

Eu tinha a certeza de que ele iria descobrir que tinha roubado o convite de outra pessoa e estava a invadir um local onde não devia estar.

Apesar da peruca castanha que usei para esconder o meu cabelo prateado, que chamaria demasiado a atenção, das lentes de contacto cinzentas e dos óculos de armação grossa, não estava confiante de que iria passar despercebida.

Mesmo assim, mantive-me em silêncio para não denunciar o meu sotaque britânico.

Afinal, a King's U é uma escola americana, e nós, da Universidade Royal Elite, somos facilmente identificados na multidão.

Especialmente em eventos onde não devíamos estar.

Como nesta iniciação.

O coelho lançou-me um olhar intenso, certamente mais prolongado do que aquele que dirigiu aos outros participantes, mas acabou por colocar-me uma máscara numerada no rosto e uma etiqueta no pulso com o mesmo número.

Tive de deixar o telemóvel, as chaves e os óculos com o seu amigo coelho antes de me deixarem entrar.

E agora espero, com cerca de oitenta e cinco outras pessoas. Na verdade, são oitenta e sete.

Sei disso porque as contei.

É o que faço quando os meus nervos estão prestes a cortar-me as veias e derramar o sangue no chão: conto. Também observo o que me rodeia — para estudar, analisar e procurar uma saída.

É essa parte que me faz pensar que cometi um erro. Este lugar não foi projetado com uma rota de fuga em mente. Uma vez dentro, estás condenada. Fisicamente. Mentalmente.

Emocionalmente.

Afinal, esta mansão pertence aos Heathens — um dos dois clubes mais

famosos da King's U, um lugar que fervilha com poder corrupto, riqueza infinita e ligações com a máfia.

Na verdade, a maioria dos seus membros pertence à máfia russa ou tem ligações a ela.

Todos os estudantes que apareceram hoje são, na sua maioria, da King's U e estão sedentos por um pouco desse poder. Um vislumbre da monstruosidade.

É um privilégio receber um convite para a iniciação dos Heathens, que acontece duas vezes por ano, no início de cada semestre.

As hipóteses de ser aceite no clube são de cerca de um por cento. Não só estes tipos de iniciações são brutais, como os membros fundadores são também muito seletivos.

Posso dizer, com toda a certeza, que não estou aqui por uma medalha nem por uma oportunidade de entrar no clube. Eles vão me expulsar assim que descobrirem quem eu sou. O meu único objetivo é obter informações sobre o funcionamento interno, a segurança e reunir o máximo de informações possível sobre os membros e a propriedade.

Agora, a probabilidade de o fazer sem chamar a atenção é provavelmente de cinco por cento, o que é realmente baixo.

Mas tenho um superpoder.

Invisibilidade.

Se eu quiser, posso passar despercebida em qualquer situação. Tudo o que tenho de fazer é permanecer em silêncio, misturar-me com o resto do ambiente e mover-me sem dar nas vistas.

O rangido do portão arranca-me dos pensamentos, anunciando o fim do processo de admissão.

Cem alunos alinharam-se em cinco filas organizadas. Alguns estão completamente em silêncio, como eu; outros murmuram e conversam entre si. Muitos até brincam, dão cotoveladas e empurram os amigos.

Palavras como «animado», «mal posso esperar» e «até que enfim» fluem no ar sombrio com a energia de uma canção de embalar perversa.

Tudo neste lugar cheira a perversão. Parte dessa sensação tem a ver com o facto de a mansão que os Heathens usam como seu complexo ser vasta e antiga, ter uma atmosfera de catedral e poder ser usada para realizar rituais satânicos.

É alta, com três andares, alas separadas e duas torres orientais que acredito serem usadas para vigilância.

Uma atmosfera assustadora flui dentro e ao redor das suas paredes, em sintonia com a reputação notória do clube.

Considerando o facto de que a mansão está situada fora do *campus* e,

portanto, tem mais terreno do que os dormitórios, é enorme e, mais importante, isolada.

Uma floresta gigante rodeia a propriedade, mas, pelo que ouvi dizer, é toda vigiada e nenhuma outra alma além dos Heathens, ou quem quer que eles convidem, tem acesso.

As portas duplas, com maçanetas semelhantes às de demónios, abrem-se com violência e inúmeros homens com máscaras de coelho correm para fora num mar de terror.

Nenhuma palavra é dita, mas a combinação de passos rápidos, visões deformadas e o grande número de pessoas envolvidas é suficiente para me deixar paralisada.

Eles cercam-nos de forma metódica, as suas máscaras ao estilo do Dia das Bruxas servindo como as únicas características que projetam para o mundo. Trinta e cinco. É quantos são.

E são todos enormes, corpulentos e, sem dúvida, seguranças.

Porque, claro, os membros dos Heathens têm a sua própria segurança. Afinal, são príncipes da máfia, com impérios sangrentos para onde devem voltar.

Os seus pais não os iriam deixar ir para a universidade sem seguranças a seguir cada um dos seus passos.

A conversa casual cessa quando as portas duplas no último andar se abrem e cinco pessoas vestidas de preto saem para a varanda.

Todos os olhares se voltam para eles.

Cada rosto, cada respiração e cada pingo de atenção humana estão voltados para os principais membros dos Heathens, que olham para nós como se fôssemos camponeses.

Máscaras de néon estilo *Purge* cobrem-lhes os rostos, cada uma de uma cor diferente: vermelho, branco, verde, amarelo e laranja. E como está quase a anoitecer e o céu está nublado, como de costume em Inglaterra, as cores destacam-se contra todo o fundo preto.

Um contraste desagradável.

Um contraste arrepiante.

Um contraste que faria qualquer pessoa lembrar-se dessas cores e máscaras caso as encontrasse no escuro.

O ar enche-se de estática antes de uma voz distorcida se fazer ouvir:

— Parabéns por terem chegado à altamente competitiva iniciação dos Heathens. Vocês são a elite escolhida, aqueles que os líderes do clube consideram dignos de se juntar ao seu mundo de poder e conexões. O preço a pagar por tais privilégios é mais alto do que dinheiro, estatuto ou nome. A razão pela

qual todos usam uma máscara é porque, aos olhos dos fundadores do clube, vocês são todos iguais. O preço para se tornarem um Heathen é entregarem a vossa vida. No sentido literal da palavra. Se não estiverem dispostos a pagar isso, por favor saiam pela porta pequena à vossa esquerda. Assim que saírem, perdem qualquer hipótese de voltar a juntar-se a nós.

Uma porta ao lado do grande portão é aberta e exatamente dez participantes saem, cabisbaixos.

Os noventa restantes não se mexem dos lugares. Afinal, todos vieram para cá com a promessa de poder e posições que beneficiariam não só as suas vidas universitárias, mas também os seus futuros.

Eu também teria saído, se não tivesse feito uma promessa, mas fi-la e preciso de manter a minha palavra.

A voz ressoa de novo ao nosso redor, definitivamente vinda de cima.

— Parabéns, mais uma vez, senhoras e senhores. Está na hora de começarmos a iniciação.

Deslizo a minha atenção para os cinco na varanda — imóveis, silenciosos e intimidantes, sem precisarem de mover um músculo.

O verdadeiro poder não é gritar nem dar ordens. Não é exibir músculos nem armas. É manter-se firme com total confiança, como estes homens, sabendo que têm todos aqui na mão.

O verdadeiro poder fervilha sob a superfície, com a sua energia quase a explodir.

— O jogo desta noite é predador e presa. Vocês serão caçados pelos membros fundadores do clube. Serão cinco contra noventa, pelo que vocês estão em vantagem. Se conseguirem chegar ao limite da propriedade antes de serem caçados, tornar-se-ão um Heathen. Se não conseguirem, serão eliminados e escoltados para o exterior. Os membros fundadores têm o direito de usar qualquer método disponível para vos caçar, incluindo violência. Se a arma escolhida por eles vos tocar, serão automaticamente eliminados. Danos físicos podem e vão acontecer. Vocês também estão autorizados a usar violência contra os membros fundadores, se conseguirem. A única regra é não tirar nenhuma vida. Pelo menos, intencionalmente. Não são permitidas perguntas e nenhuma misericórdia será concedida. Não queremos fracos nas nossas fileiras.

A atenção de todos, incluindo a minha, concentra-se nas armas de cada membro.

Os dedos do Máscara Vermelha circulam um taco de beisebol, apoiado casualmente no seu ombro.

O Máscara Verde segura um arco e tem flechas com pontas de borracha numa aljava pendurada nas costas.

O Máscara Branca acaricia uma corrente enorme, enrolada nas mãos como uma cobra.

A mão enluvada do Máscara Laranja repousa sobre um taco de golfe apoiado no chão.

O Máscara Amarela não tem nenhuma arma, mas os seus punhos estão cerrados.

Quando falam em *violência*, querem realmente dizer violência. Eu sabia disso, passei a noite a preparar-me mentalmente para isto, na verdade, mas a realidade é diferente de tudo o que poderia ter imaginado.

Ou previsto.

— Vocês têm uma vantagem de dez minutos. Sugiro que comecem a correr. A iniciação começou oficialmente.

De repente, os pés movem-se ao meu redor. Depois, correm todos em direções diferentes.

Olho uma última vez para os Heathens, com as suas roupas pretas, máscaras néon e posturas imóveis.

Eles observam os participantes dispersos sem alterar o comportamento. Nenhuma reação. Nem mesmo um lampejo de entusiasmo. São pessoas que foram ensinadas a manter sempre a calma — aguardar o momento certo, esperar pelas oportunidades e nunca mostrar o seu entusiasmo. Mesmo quando tenho a certeza de que a caçada não passa de uma gratificação para eles.

Definitivamente, não se trata de aceitar membros novos nem da sobrevivência do mais forte. Houve inúmeras iniciações no passado, a maioria delas terminando sem adicionar nenhum membro, e ninguém sabe nada sobre os participantes que conseguiram passar na iniciação.

Tento avaliar os rostos pelas máscaras ou pela constituição física, mas são todos semelhantes — musculados e altos —, exceto o Máscara Branca, que é um pouco mais magro.

Ainda assim, é impossível distinguir quem é quem.

Ou procurar aquele de quem devo manter-me absolutamente afastada.

Esquece isso.

Devo evitá-los a todos.

Eles são os predadores e eu faço parte das presas. Se acabar por ser capturada por qualquer um deles, serei despedaçada entre os seus dentes.

Vacilo por um segundo a mais, um segundo que não tenho, um segundo que todos os outros usam para correr em direção à floresta.

Viro-me e sigo-os.

Os meus membros tremem a cada movimento, mas a promessa que fiz bate contra o meu peito com a ferocidade de um segundo coração.

Os estudantes correm entre as árvores gigantescas, alheios ao ar sombrio que envolve o recinto e cada recanto.

Com a falta de sol e tão pouca luz, as árvores verdes parecem escuras, sinistras e repletas de vibrações cultistas e demoníacas.

Optando por me concentrar na missão, corro para ganhar o máximo de distância possível. Passo por árvores nas quais pequenas câmaras e altifalantes foram estrategicamente instalados para cobrir todo o terreno, mas baixo a cabeça e corro por entre elas para evitar chamar a atenção de quem quer que esteja a assistir às imagens. Duvido que os membros as usem para nos caçar, mas podem fazê-lo.

Afinal, não há regras contra tal na caçada desta noite. Escondida atrás dos arbustos, sigo um grupo de estudantes.

Ouvi alguém a sussurrar sobre algum tipo de estratégia há pouco. Normalmente, manter-me-ia o mais longe possível dos outros, mas estou aqui para observar como estes monstros funcionam. A única maneira de parar pessoas perturbadas é estudá-las primeiro — entrar na pele delas e compreender o seu funcionamento.

Só assim será possível causar algum tipo de dano. A propósito, não sou eu quem o irá causar.

Sou fisicamente fraca de mais para isso. Mas tenho habilidades perfeitas de espionagem graças ao meu superpoder.

O grupo de três não percebe que os estou a seguir, do meu esconderijo atrás dos arbustos. Os meus sapatos são silenciosos e qualquer ruído que faço ao deslizar entre as árvores está em sincronia com os sons que eles emitem.

Conseguimos alguma distância na floresta, enquanto avançamos a um ritmo regular.

Eles estão a trabalhar de forma mais inteligente, não mais forte. Em vez de correr e tentar evitar os Heathens, estes três parecem conhecer bem a floresta e estão a usar essa vantagem para chegar mais rápido à linha de chegada.

— Números setenta e quatro e dezoito eliminados.

Estremeço ao ouvir o som do altifalante e forço-me a não pensar em *como* foram eliminados.

Os três que estou a seguir — cinco, seis e sete — nem sequer param ao ouvir o anúncio.

Isto deve ser uma repetição para eles. Muitos dos que falharam nas iniciações anteriores podem ser convidados a voltar à mansão dos Heathens se os membros os considerarem dignos de outra tentativa.

Mais uma razão pela qual estes são os candidatos perfeitos para seguir.

Eles empurram galhos caídos e, mesmo sem prestar atenção às câmaras, passam habilmente por entre elas.

A voz do altifalante ecoa de novo à nossa volta, anunciando a eliminação de mais números, às vezes em grupos, às vezes em pares. A cada anúncio, con-torço-me e alterno entre respirar pelo nariz e pela boca para manter a calma.

O cinco, que vai à frente, para e os outros seguem o seu exemplo, com os punhos cerrados ao lado do corpo.

Através dos galhos e das folhas, percebo o arrastar de um taco de golfe no chão, antes do Máscara Laranja aparecer à vista.

O seis avança para lhe dar um soco, mas o Máscara Laranja não só se esquiva, como também acerta na cara do seis com o taco.

Cubro a boca com as mãos para não gritar quando o sangue jorra por baixo da máscara do seis e ele cai no chão com um baque. As minhas pernas tremem e agacho-me entre os arbustos, observando a cena através das aberturas.

O cinco e o sete correm em direções diferentes, e o Máscara Laranja atira o taco de golfe contra a nuca do cinco, arremessando-o contra a árvore, e corre atrás do sete. Os seus movimentos são precisos, transparecendo um controlo assustador.

E poder.

Há tanto poder em cada movimento. Em cada ação. Em cada ínfima decisão que ele toma.

Ele nem esperou o taco atingir o cinco. Sabia que iria acontecer, e aconteceu, como evidenciado pelo corpo imóvel do participante no chão.

Algo me diz que ele escolheu correr atrás do sete por uma razão, e a curiosidade corrói-me por dentro para descobrir qual.

Mas não o faço.

Porque isso significaria segui-los e certamente ser eliminada.

A curiosidade é obra do diabo e dos seus demónios para nos tornar irrationais.

O altifalante anuncia que os números seis e cinco foram eliminados e espero pelo número sete, mas ele não chega.

Talvez tenha conseguido escapar. *Força, rapaz americano aleatório.*

O importante é que estou segura, por enquanto.

Lentamente, levanto-me até ficar de pé, observando cautelosamente os arredores.

Desta vez, toco na peruca, ajeitando-a no lugar, e ignoro a sensação de formigueiro no meu crânio suado enquanto bato algumas vezes na máscara para ter a certeza de que está no lugar.

Vários passos chegam aos meus ouvidos sensíveis e agacho-me de novo quando quatro participantes correm por uma clareira. O Máscara Laranja dirige-se para eles, seguido pelo Máscara Vermelha. Eles lançam os participantes ao ar num instante e os seus corpos inconscientes caem no chão.

Volto a cobrir a boca com a mão, cravando as unhas no material plástico da máscara e arranhando a sua superfície.

Caramba.

Isto é muito mais horrível do que eu podia imaginar. Sim, ouvi rumores sobre como os Heathens podem ser cruéis e nunca se contêm, mas vê-los realmente a bater e a socar pessoas é uma história completamente diferente.

Não é apenas a imagem de sangue a jorrar, de socos violentos no rosto e no corpo, nem saber que eles bateram em algumas pessoas ao longo do caminho. Não é apenas o visual assustador de máscaras de néon a caçar pessoas como se fossem animais.

É também o som disso. Os estalos, chicotadas, socos e batidas de corpos a cair inertes no chão. São os gritos abafados, os lamentos e as súplicas de alguns dos participantes.

Um deles diz:

— Estou fora. Por favor, poupem-me desta vez...

Depois, a sua cabeça é empurrada contra uma árvore.

Os dois Heathens mal trocam um olhar antes de seguirem em direções diferentes.

O Máscara Vermelha desaparece entre as árvores, e eu pondero a melhor forma de fazer o mesmo sem alertar o Máscara Laranja.

Sabes que mais? Mais vale esperar que ele se vá embora antes de me mexer.

Apesar da dor que grita nos meus membros e das pernas trémulas, permaneço agachada, imóvel, com medo de respirar normalmente.

O Máscara Laranja inclina-se sobre o cinco, depois pega no bastão. Algo líquido mancha-lhe as luvas de couro preto e pinga no chão, num vermelho-vivo.

Vermelho-sangue.

Como podem ser tão... monstruosos em tão tenra idade? Mas, pensando bem, provavelmente são assim desde que nasceram, considerando o mundo em que vivem.

Nunca gostei deste tipo de pessoas, aquelas que magoam só porque têm o poder de o fazer.

Aquelas que destroem famílias inteiras só porque podem. Pessoas moralmente corruptas.

Maquiavélicas, sem limites nem moral.

Os Heathens estão no topo dessa lista, com os seus códigos de conduta distorcidos e mentalidade hedonista.

O Máscara Laranja ergue-se até à sua altura impressionante, que quase devora o horizonte, depois, lentamente, demasiado lentamente, inclina a cabeça na minha direção.

Os pontos de costura em néon brilham na escuridão quase total, enquanto um silêncio assustador toma conta do lugar.

Sinto um tremor na espinha quando a sua voz áspera e grave ecoa no ar:

— Eu sei que te estás a esconder. Sai daí e prometo que não te farei mal.

Muito.



DOIS

Cecily

Paro de respirar por um segundo.
Não pode ser.

Não há hipótese de ele me ter visto. Não só não fiz barulho, como também sou invisível.

A menos que ele tenha acesso às câmaras de vigilância.

Não. Não vejo nada nos ouvidos dele, portanto, ele não pode estar a comunicar-se com a segurança.

Nesse caso, como é que ele descobriu que estou aqui?

Olho lentamente à minha volta para confirmar que ele falou comigo e não com outra pessoa perto de mim.

Um número é anunciado como eliminado, ecoando no silêncio como uma sentença de morte. Um espasmo involuntário levanta-me o ombro, mas permaneço no lugar, a observar.

Ou melhor, como se estivesse presa pelo Máscara Laranja, que está a cerca de trinta metros de distância, apoiando o bastão no ombro com aparente indiferença.

E ele continua a olhar na minha direção, o laranja néon da sua máscara tornando-se assustadoramente predatório à medida que a noite se instala. No entanto, ele não está a olhar diretamente para mim, por isso, não sabe exatamente onde estou.

— Sai enquanto te dou a oportunidade. Se tiver de te puxar para fora, a cena não vai ficar bonita.

Não ficará bonita de qualquer maneira, psicopata.

E como é que alguém pode soar tão apaticamente metódico enquanto fala? O seu tom não é diferente do de um robô.

Um robô maligno, defeituoso e que está a planejar a destruição da humanidade.

— O teu tempo acabou. — O peso das suas palavras atinge-me antes que ele comece a caminhar na minha direção com passos longos e decididos.

Não penso enquanto corro na direção oposta.

Uma energia inexplicável percorre-me, fervilhando com o único objetivo de sobreviver. De ficar o mais longe possível dele.

Não se trata de ser eliminada, mas sim de sair daqui inteira.

Uso os arbustos como camuflagem e abro caminho por entre eles. Galhos caídos e espinhos soltos cortam-me as mãos e arranham a lateral do meu pescoço numa sinfonia de violência menor.

O som dos seus passos segue-me de perto, longos, pesados e tão persistentes que o meu coração acelera.

É como aquela sensação de infância, quando brincávamos às escondidas com amigos. Quando sentíamos alguém por perto e soltávamos um grito de excitação e medo.

Mas, desta vez, é um pouco diferente.

O medo paralisa-me os músculos e ocupa-me a mente. Os meus membros tremem e a pulsação lateja-me nos ouvidos, apesar das minhas tentativas de manter a calma.

Porque sei que, se ele me apanha, estou feita. Ficarei inconsciente como todos os outros participantes que ele já deixou estendidos no chão.

Raios, talvez até tenha de ser internada no hospital e os meus pais saibam desta decisão imprudente que tomei e fiquem desapontados comigo.

Não.

Quanto mais ele se aproxima, mais rápido corro. E corro e *corro*.

Mas, por mais que tente, não consigo despistá-lo.

Nem de perto.

Raios, ele está cada vez mais próximo a cada segundo que passa. E, por alguma razão, sinto que está a demorar a apanhar-me de propósito, a julgar pelos seus passos uniformes.

Ele quer que eu corra. Quer ver até onde consigo ir.

Maldito idiota sádico.

Se continuar assim, não serei diferente de um rato com quem um gato suburbano brinca.

Olho em volta e, num impulso, escondo-me à beira da estrada de terra, atrás de uma grande rocha.

A minha respiração ofegante lembra a de um animal encurralado, mas forço-me a ficar imóvel.

O barulho contra a minha caixa torácica aumenta de volume, em desespero e arrependimento pelo que fiz.

Será que o despistei?

Fixo um olhar no caminho por onde fui para ter a certeza de que o Máscara Laranja se foi embora.

Espero e espero, a suar por baixo da *t-shirt* e das calças de ganga, mas não há sinal dele.

Não faz sentido.

Ele vinha no meu encalço; já devia ter-me alcançado.

A menos que...

Engulo em seco e olho lentamente por cima do ombro. Como era de esperar, ele está lá, encostado casualmente a uma árvore, com os braços e as pernas cruzados e o bastão pendurado na mão esquerda, como uma ameaça.

— Há alguma razão para estares sempre a esconder-te?

O eco da sua voz grave ecoa no ar e vibra contra a minha pele. Agora, parece menos robótica, como se ele me considerasse digna de conhecer a sua versão menos apática.

O que não é de forma alguma uma boa notícia, considerando que a sua verdadeira imagem podia ser a personificação de um demónio.

No entanto, a sua voz faz-me parar.

Tenho a certeza de que já ouvi este sotaque americano autoritário. Portanto, ele deve ser o Gareth ou o Killian Carson, os irmãos que eu e as raparigas vemos frequentemente no clube de luta.

Ou o Jeremy Volkov.

Por favor, que não seja o Jeremy.

Uma pessoa sã iria desejar qualquer um, menos o psicopata do Killian Carson ou o louco do Nikolai Sokolov, mas, aos meus olhos, o Jeremy sempre foi o pior dos Heathens. Só porque ele não anuncia as suas ações publicamente como os outros, não significa que seja inofensivo, apenas muito melhor em esconder a sua monstruosidade.

Afinal, ele não se tornou o líder dos Heathens agindo de forma simpática.

— Ser aceite no clube só pode ser conseguido se correres, não se te esconderes — continua ele, com aquele tom menos robótico, mas ainda assim gelado.

Abro a boca, mas fecho-a imediatamente.

Caramba.

Quase falei e revelei completamente a minha nacionalidade e a minha aparência pouco ortodoxa nesta iniciação.

O Máscara Laranja afasta-se da árvore e eu dou um passo para trás, depois salto ligeiramente quando choco contra a rocha.

— Ainda não estás a correr. — A sua voz baixa com um tom sombrio, enchendo-me de promessas de um destino pior do que o dos outros participantes que ele fez voar.

Inspiro o mais profundamente possível e corro.

Não dou nem dois passos quando as minhas pernas cedem. Grito ao cair de cabeça no chão, e o ar sai-me dos pulmões.

— Número vinte e três eliminado — diz o locutor.

A finalidade borbulha sob a minha pele e dói.

Mas não mais do que a queimadura no joelho nem a lesão que já sinto a formar-se no osso do quadril.

Estou deitada de barriga para baixo no chão, com a boca a beijar a terra e as unhas cravadas nela.

Lentamente, levanto a cabeça e vejo o Máscara Laranja a inspecionar o seu taco de golfe ensanguentado.

Por favor, não me digas que é o meu sangue.

Não, não pode ser; ele não me bateu com aquilo. Na verdade, suspeito que me fez tropeçar com o taco e é por isso que estou nesta posição.

Um suspiro desanimado escapa-me dos pulmões e sento-me, limpando a terra da *t-shirt* e das calças. Há um buraco no joelho pelo qual estou a sangrar e estremeço ao ver.

Estou toda suja e para quê?

Bem, pelo menos agora sei um pouco sobre a estrutura da mansão dos Heathens e não perdi a consciência como os outros participantes que enfrentaram este sacana.

— Vamos ver a cara por trás da máscara. — Ele estende a mão enluvada na minha direção, negra e rígida, saída dos meus piores pesadelos. — Como é que alguém tão incompetente como tu foi convidada para a iniciação...

Empurro-lhe a mão, interrompendo-o a meio da frase. O som ecoa no ar, perfurando o silêncio, e é acentuado pela pausa em todo o seu corpo.

Aperto a terra com a outra mão e preciso de toda a minha força para não dizer nada, apenas para preencher o silêncio no ar.

Ele já me eliminou. Por que iria precisar de ver a minha cara? Não havia nenhuma regra sobre isso.

Além disso, porque me pode ele ver quando eu não o posso ver? Não é justo.

O mundo não é justo, Cecily. É assim que as coisas são.

As palavras da minha mãe invadem-me a mente, respiro fundo e começo a levantar-me. Vou parar de pensar na minha eliminação nada glamorosa e, em vez disso, vou usar o tempo que me resta para bisbilhotar.

Afinal, essa é a única razão pela qual estou aqui.

Num momento estou parada no lugar e, no outro, sou levada para trás por um puxão de cabelo.

Não, a minha peruca.

Grito, seguindo o movimento para que ele não a arranke e me exponha. Bato com as costas contra um peito rijo e, em seguida, o bastão está na minha garganta.

Literalmente.

Ele colocou o comprimento do taco de golfe contra a minha traqueia. Não está a pressioná-lo, mas a ameaça de que o pode fazer e sufocar-me até à morte permanece lá.

O seu aperto no meu couro cabeludo também é impiedoso, por isso, permaneço com as costas coladas à dureza do seu peito. Não sou propriamente baixa, mas ele é alto, largo e tem a presença de um titã.

E cheira a couro e bergamota. Ou, talvez, parte desse cheiro seja das luvas dele.

Através da máscara, a sua respiração sai crua e controlada, mas também um pouco assustadora, como nos filmes de terror antigos.

Os meus ouvidos sensíveis enchem-se com o som até eu não conseguir respirar.

— Não passas de uma coisinha frágil que eu podia esmagar com um estalar de dedos. Tu sabes disso, eu sei disso e as tuas poucas células cerebrais funcionais também devem saber disso, se não te convencerem a começar a contar-me como raio chegaste aqui.

Sinto um tremor nos lábios e contraio-os.

Espero que a onda familiar me atinja do nada; espero pelo medo paralizante, pelas lágrimas silenciosas e pela confusão geral que acontece em situações como esta.

Espero e espero.

Mas a única coisa que me percorre os ossos é tremor e mais tremor.

E a necessidade de fugir.

Não, não apenas de fugir.

Há algo muito mais nefasto por baixo da superfície.

Algo como um desejo por aquele medo de há pouco.

Uma necessidade dele.

Um impulso de o satisfazer.

Ele pressiona o comprimento do bastão com mais força contra o meu pescoço, deixando-me respirar, mas restringindo ainda mais.

— Preferes ser esmagada em vez de responder à minha pergunta?

Abano a cabeça, inclinando-a para trás pela primeira vez, para olhar diretamente nos seus olhos.

Este é o meu segundo erro hoje — o primeiro foi estar aqui.

Os olhos do Máscara Laranja são uma manifestação da sua sede de violência. São cinzento-escuros como as nuvens e igualmente frios.

Nunca se sabe se vai chover torrencialmente ou se vai haver uma tempestade catastrófica com este tipo de nuvens sombrias.

Mas uma coisa é certa: será perigoso. É melhor procurar abrigo e esconderijo até que passem.

Mas como me posso esconder de olhos como estes? Olhos tão escuros que são quase pretos. Olhos tão sem vida que parecem mortos.

Ou talvez quem está a olhar para eles esteja morto.

Envolvo os dedos no bastão, na ponta ensanguentada, e puxo-o com mais força contra o meu pescoço.

Se tentar afastá-lo, ele provavelmente interpretá-lo-á como um desafio e fará exatamente o oposto.

Certamente, ele não me irá matar; portanto, a minha melhor opção é fazer com que perca o interesse e desista.

Ele acha que não sou competente o suficiente para participar na iniciação dos Heathens e, ao pedir-lhe que cumpra a ameaça, apenas provei que sou perturbada o suficiente para ser considerada para a posição.

Nenhum sentimento passa por aqueles olhos. Nem mesmo uma réstia de reação.

Continuam cinzento-escuros e inacessíveis.

Mas ele solta a outra ponta do bastão eobre-me a mão com a sua, maior e enluvada. É duro e intrusivo, quase partindo-me a mão por baixo enquanto empurra o metal frio contra a minha traqueia.

— É isto que queres? — Estrangula-me com o bastão. — Fá-lo corretamente, se é isso que queres.

A minha respiração está restrita e a pressão aumenta no meu pescoço, endurecendo-me as veias e aquecendo-me o rosto.

A vontade de me debater, chutar e lutar percorre-me o corpo, mas forçando-me a manter a presença de espírito, a acalmar a respiração e os pensamentos.

A melhor maneira de permitir que alguém vença é deixá-lo entrar na tua cabeça, confiscar os teus pensamentos e substituí-los por um medo paralizante ou ameaças.

Encaro os seus olhos vazios com os meus determinados.

Não me podes magoar.

Muito.

O pior que ele pode fazer é levar-me a perder a consciência, como fez com os outros participantes.

E embora eu prefira não desmaiar, ainda é melhor do que ser interrogada e acabar por traír aquele a quem prometi lealdade.

— Estou a ver. — A sua voz rouca agride-me os ouvidos. — Achas que vou parar depois de um pouco de asfixia e de um aviso. Que te vou bater, deixar inconsciente como fiz com os outros e continuar o meu caminho para torturar outra pobre alma. Sentes-te um pouco mal por eles, mas, ao mesmo tempo, estás feliz por não seres tu, certo?

Abro a boca, tanto para respirar melhor quanto por causa das palavras dele.

Como será que ele conseguiu perceber tanto do meu plano sem que eu dissesse uma palavra? Será vidente?

Por favor, não me digam que os Heathens participam em atividades ocultas e têm pactos reais com demónios.

— Eu teria feito isso. Devia ter feito isso. — Puxa-me pelo cabelo, fazendo-me estremecer. — Mas tu tiveste a audácia de me irritar; portanto, agora estou tentado a simplesmente... roubar o teu último suspiro.

A minha deglutição é recebida com o metal do bastão, que é como ter um tijolo na traqueia.

Abano a cabeça uma vez — ou tanto quanto é possível com ele a segurar-me pelo cabelo.

— Embora tenhamos aquela regra de não matar ninguém durante a iniciação... *intencionalmente*.

Não deixo passar a forma como ele enfatiza a última palavra. Ele está a dizer que considera matar-me de qualquer maneira e depois disfarçar como se não tivesse sido intencional.

Esta é a parte em que as previsões e as histórias são tão diferentes da realidade.

Ouvi muitos rumores sobre como os Heathens espancam pessoas por diversão e matam sem pestanejar.

Mas testemunhá-lo em primeira mão ou, pior ainda, ser vítima de tal, não é diferente de ser atirada para o olho do furacão e saber que as minhas hipóteses de sobrevivência são mínimas.

Nenhuma respiração profunda ou pensamento racional me irá salvar. Ele alarmou-me e sabe disso.

Ele é a minha única hipótese de sair viva deste lugar... e ele também sabe disso.

O que ele não sabe é que me recuso a desistir sem lutar.

— Fode-me primeiro — sussurro, com a voz tão baixa que mal consigo ouvir.

Todo o seu ser para, como quando lhe afastei a mão há pouco.

— Fodo-te primeiro? — repete ele, lentamente, quase como se estivesse a saborear as palavras na língua.

Aceno com a cabeça.

Ele solta-me o cabelo, deslizando a mão até ao ponto pulsante na minha garganta, deixando arrepios no seu rastro antes de me agarrar um seio através da *t-shirt*. O seu toque é selvagem, quase punitivo, enquanto me crava os dedos na pele.

— Porquê?

Preciso de todas as minhas forças para manter a calma, apesar do latejar e da dor na pele sensível do meu seio.

— Não quero morrer virgem.

Pela primeira vez desde que vi o homem com a máscara laranja, vejo um brilho nos seus olhos, mas não é interesse. É mais sadismo.

Uma excitação de algum tipo.

De qual, não sei.

— Eu não fodo virgens. Não são boas na cama. Sem ofensa — responde, com toda a ofensa por trás das palavras.

Depois, solta-me o peito, mas apenas para poder introduzir-se por baixo da *t-shirt*, descer a parte superior do sutiã e beliscar-me o mamilo.

O couro da luva é tão áspero que gemo, mas ele interpreta-o como um convite e faz girar o bico entre os dedos enluvados, num ritmo perturbadoramente calmo, depois aperta-o com brutalidade.

Caio para a frente quando a pressão contra o meu pescoço piora a sensação. Ou melhora. Na verdade, não faço ideia.

É a primeira vez que passo por algo assim depois daquela experiência que enterrei nas profundezas da minha alma. Desde então, tenho sido a Cecily puritana, a Cecily que pergunta *porque será que toda a gente está obcecada com sexo*, a Cecily *croma que só está na universidade para estudar*.

A única exceção é *ele*. Aquele a quem estou a fazer um favor e por causa de quem estou nesta situação.

Ser acariciada e tocada por um estranho com uma máscara depois de lhe ter pedido descaradamente para me foder e ter revelado voluntariamente que sou virgem, quando todos achavam que já não o era desde o secundário.

Disse aquilo para lhe baixar a guarda e conseguir fugir, mas podia muito bem ter feito o contrário.

No início, ele não estava interessado em mim e foi por isso que me eliminou, como fez com todos os outros participantes, mas eu continuei e, sem saber, provoquei-o várias vezes, e agora ele não me deixa ir.

— Conta-me. — Ele aperta o mamilo outra vez e a aspereza do couro contra a minha pele sensível faz-me suspirar. — O que faz uma miúda tão sofisticada da URE na iniciação dos Heathens?

Como será que ele percebeu, depois de eu ter feito tanto esforço para disfarçar o sotaque?

— Fiz uma pergunta. Onde está a resposta?

Olho para ele com raiva e os seus olhos brilham de novo.

— Para de olhar assim para mim, ou ainda te fodo, só para ver esses olhos a encherem-se de lágrimas.

Seu sacana doentio.

Não tenho dúvidas de que ele faria tudo isso e muito mais. Ele tem-se mostrado imprevisível desde que o vi a seguir aqueles rapazes.

Quando estou prestes a pensar numa maneira de fugir que não me coloque em apuros ainda maiores, ouve-se um tumulto do outro lado da propriedade.

Olhamos nessa direção e vemos o Máscara Branca e o Máscara Amarela a perseguir um grupo de pessoas, com o Máscara Amarela a rir como um maníaco.

Não penso ao pisar o Máscara Laranja.

Quando ele me solta o pescoço, baixo-me e corro.

Não olho para trás. Não espero que ele me alcance. Corro, corro e corro.

Tenho o coração preso na garganta e a única coisa em que penso é em como não tive um ataque de pânico, como tenho sempre que estou numa situação de cariz sexual.

Mais importante ainda, porque será que sinto um aperto nas coxas, um latejar que exige que eu volte para junto daquele estranho impiedoso?



TRÊS

Cecily

Eum milagre ter conseguido chegar ao dormitório e entrar sorrateiramente no apartamento que partilho com as minhas amigas de infância sem ser apanhada.

Não há luzes acesas e o único som é o do violoncelo melancólico que vem do quarto da Ava.

Se ela me vir assim — coberta de arranhões, com um buraco nas calças e um olhar frenético — com certeza que vai começar um interrogatório carregado de drama.

Muito drama.

Tiro os sapatos à porta e atravesso a sala em bicos de pés, estremecendo cada vez que o corte no joelho e os arranhões na mão me doem.

Quando chego ao quarto, fecho a porta, encosto-me a ela e deslizo para o chão, abraçando as pernas contra o peito.

Raspo com as unhas umas nas outras enquanto olho para as paredes completamente cobertas pelas páginas dos meus *mangas* favoritos. As figuras parecem sombras sob a luz fraca, parecendo que podem tornar-se reais e pular ao meu lado.

É nisso que encontro consolo: nas imagens de personagens fictícias.

Nunca fui do tipo que pede ajuda aos amigos ou partilha as suas dificuldades. Todos me veem como uma figura materna, alguém que resolve problemas e sabe ouvir.

Sempre que anseio por ser ouvida, sinto unhas cravadas no peito, impedindo-me de me mover. De encontrar refúgio em alguém além de mim mesma e de personagens fictícias que têm poucas hipóteses de oferecer conselhos práticos.

Os meus dedos pairam sobre a ferida no joelho e choramingo de dor quando toco na pele rasgada.

Mas essa não é a única sensação que me consome. Não. Há algo muito mais potente e devastador.

A dor pode começar na pele, mas termina nos recantos escuros da minha psique. Em lugares desconhecidos e por nomear que nem eu sabia que existiam até que, hoje, algo me atingiu em cheio.

Deslizo os dedos do joelho até à cintura das calças rasgadas, passando pela coxa. Estremeço e aperto a perna quando toco na anca.

Algo muito mais intenso do que dor atravessa-me, e sinto os dedos a tremer antes de subirem para acariciar o meu próprio seio.

O mesmo seio que o Máscara Laranja agarrou tão selvaticamente, depois torturou e cravou com os dedos até me deixar sem fôlego. Mas agora não é a mesma sensação. A pele está sensível, os mamilos doem, mas a eletricidade de antes desapareceu.

Levanto a outra mão, envolvo a garganta e aperto. Como o comprimento do taco de golfe que me esmagou a traqueia. Aperto com força e insisto, mas a pressão dos meus dedos frágeis não é suficiente para recriar essa sensação.

Não há dedos ásperos com luvas a apertar-me o mamilo, nem uma parede de músculos nas minhas costas. Nada.

Pouso as mãos ao lado do corpo. *O que estou a fazer?*

Como posso recriar o momento em que estive encurralada com aquele monstro quando devia estar feliz por ter escapado?

Ou talvez eu não esteja a recriar a parte de estar presa, mas sim a tentar alcançar o estado mental em que me encontrava naquele momento.

O vazio de tudo.

A promessa de liberdade que vinha com isso.

Abano a cabeça internamente, expurgando tudo isso da minha memória.

Aquela cena distorcida aconteceu somente porque eu estava numa situação de risco de vida.

O instinto de sobrevivência é o mais forte que qualquer ser humano ou animal tem e, naquele momento, eu estava pronta para tentar tudo, desde que saísse dali. Portanto, em circunstâncias normais, aquela situação não teria qualquer significado.

Ainda assim, continuei a observar os arredores muito depois de uma das máscaras de coelho me entregar o saco de plástico número vinte e três, que continha os meus pertences, e me escoltar para fora da propriedade.

Continuei atenta enquanto corria até aos dormitórios da URE e mesmo enquanto introduzia o código do apartamento.

Uma parte de mim achava que o Máscara Laranja iria seguir-me para terminar o que tinha começado. Iria encurralar-me contra a parede mais próxima e dizer-me com aquela voz grave que fugir era apenas o começo, não o fim.

No entanto, isso era pura paranoia da minha parte. Uma pessoa doente como ele, que se satisfaz em caçar e infligir dor, não teria abandonado todas as presas para vir apenas atrás de mim.

Mais uma vez, sinto-me grata pela minha invisibilidade. Estou segura.

O telemóvel vibra no meu bolso, e recuo, depois respiro fundo antes de lhe pegar e ler a mensagem.

Landon: Estás viva, amor?

O meu coração bate mais forte e sinto borboletas no estômago.

Sempre achei que estas sensações fossem clichés que só existiam nos *manga shojo*, mas foi preciso passar por experiências da vida real para perceber o quanto verdadeiras eram.

Como uma palavra, uma mensagem, da pessoa que importa é mais importante do que o mundo inteiro.

Endireito-me e respondo:

Cecily: Acho que sim. Acabei de chegar.

Landon: Encontramo-nos?

Cecily: Claro. Onde?

Landon: No sítio de sempre.

Sorrio ao lê-lo. Temos um lugar. Não é grande nem especial, mas é o nosso pequeno segredo.

Cecily: Estou a caminho.

Trinta minutos depois, paro o carro perto da costa rochosa e deserta da praia.

Como a ilha de Brighton, situada perto da costa sul do Reino Unido, é cercada pelo mar por todos os lados, há muitas praias e enseadas.

Mas nós, da URE, não costumamos frequentar lugares onde os alunos da King's U costumam ir, para evitar disputas indesejadas.

Esta parte da praia é nossa; sim, é um local público, por isso não podemos impedir os alunos da King's U de vir aqui, mas eles sabem que não devem fazê-lo, a menos que estejam preparados para enfrentar a ira do nosso clube.

Assim como a King's U tem os Heathens e os Serpents, dois clubes notórios cujos membros fazem parte da máfia, a nossa universidade tem os Elites.

Não são da máfia nem nada do género, mas são igualmente letais, no sentido de que o dinheiro vindo de há muitas gerações tem poder.

E aquele com quem me vou encontrar é o líder desse clube.

Saio do meu *MINI Cooper*, dou uma olhadela aos arredores, abro a porta do passageiro do carro preto que está estacionado de frente para o mar e entro.

O meu coração dá mais um salto quando olho para os olhos mais etéreos e bonitos que já vi. Tão azuis e profundos que podiam rivalizar com o oceano e engolir tudo à vista.

O Landon King é três anos mais velho do que eu, portanto, enquanto estou no segundo ano de Psicologia, ele já está a fazer o mestrado em Artes e a esculpir obras-primas que galerias de todo o mundo disputam antes mesmo de estarem concluídas.

Tal como as suas estátuas, ele tem uma beleza digna de um deus grego — traços bem definidos, cabelo castanho-escuro deslumbrante e um nariz reto que parece esculpido em mármore.

Ele é o epítome da beleza masculina, com o seu corpo tonificado e roupas elegantes. Até o carro dele é um *McLaren* de edição especial, feito exclusivamente para ele.

Viro-me contra o couro para encará-lo e isso traz-me a lembrança de um tipo diferente de couro.

Aquele que me apalpou e tocou em lugares que nem mesmo o Landon tocou.

— Pareces viva. — A voz dele tira-me dos meus pensamentos proibidos.

— Sim. Conseguí escapar.

— Escolha interessante de palavras. Não te permitiram sair por algum motivo?

Fico imóvel.

Às vezes, esqueço-me do quão genial o Landon realmente é. Ele está atento a todos os detalhes e nada lhe escapa à atenção.

Por alguma razão, não quero falar sobre o que aconteceu na iniciação. Uma parte de mim — uma parte estúpida e apaixonada — vê isso como uma traição ao Landon.

E isso é o cúmulo da irracionalidade.

Eu e o Lan não somos um casal. Ele não faz ideia dos meus sentimentos por ele e vê-me só como uma amiga desde que éramos crianças.

Não que eu goste dele desde então. Acho que comecei a ter uma paixoneta

por ele quando tinha dezassete anos e tivemos uma conversa instigante sobre escolher vidas independentes dos nossos pais, que eram como deuses para nós. Ele disse que eles não nos iriam perseguir se não o permitíssemos e que, se alguém podia fazer isso mesmo, essa pessoa era eu.

Havia algo tão atraente num homem que acreditava no meu potencial antes mesmo de eu o alcançar. Pouco a pouco, desenvolvi uma paixoneta por ele, mas, devido à sua óbvia falta de interesse, recuei.

Tentei esquecê-lo. Até namorei, mas olha onde esse desastre me levou.

Além disso, não há outros homens como o Landon. Nenhum com a sua inteligência, charme e visão maquiavélica do mundo.

Não aprovo muito a última parte, mas ninguém é perfeito, certo?

— A iniciação foi brutal — respondo à sua última pergunta. — Foi isso que quis dizer com «consegui escapar». Ilesa. *Quase*.

Ele observa-me atentamente, acariciando o volante com a mão num ritmo lento.

— Não há mais nenhum problema?

Só houve problemas.

— O segurança verificou duas vezes quando digitalizou o convite, mas deixou-me entrar; por isso, acho que não houve problemas nesse aspeto.

O Lan acena com a cabeça, em silêncio.

Os Heathens raramente convidam alunos da URE para as suas iniciações, considerando toda a rivalidade com os Elites e tudo mais. No entanto, desta vez enviaram cinco convites. Todos para alunos que não fazem parte dos Elites, mas que são próximos do Landon. Ou seja, os amigos dele — os *meus* amigos. Não eu, os rapazes.

Naturalmente, nenhum deles foi, e o Landon abordou-me com esta ideia maluca. *E se direcionássemos as armas deles contra eles próprios? Podemos usar um dos convites que enviaram para entrar no complexo e ver o que está a acontecer por nós mesmos.*

Ele não podia ir pessoalmente, pois nenhum disfarce o camuflaria. E o Lan foi fortemente sinalizado pelos Heathens, pelos Serpents e por toda a King's U.

Então, ofereci os meus serviços de invisibilidade.

Agora, não tenho a certeza se foi a decisão certa nem se posso dar-me ao luxo de ser tão ousada, mesmo que seja pelo Landon.

Isso custou-me coisas mais preciosas do que dinheiro ou bens materiais.

Sondou as fantasias proibidas que eu havia escondido nos cantos obscuros da minha consciência, na esperança de que fossem esquecidas.

O Lan oferece-me o seu sorriso de menino de ouro.

— O que me podes dizer sobre o funcionamento interno do complexo deles?

— Em vez de falar, posso mostrar-te. — Pego no telemóvel e procuro uma demonstração simples que desenhei no iPad, quando estava no apartamento.

O Landon tira o telemóvel da minha mão. Roçamos os dedos e sustenho a respiração, mas ele está completamente alheio à guerra elétrica que iniciou com um simples toque.

Ele observa a minha criação com uma sobrancelha erguida, antes de um sorriso malicioso lhe surgir nos lábios.

As pessoas chamam-lhe um sorriso maldoso, um sorriso problemático. Sempre que ele o exibe, todos fogem ou se escondem, porque o Landon está sempre a planear uma coisa, a manipular outra e a tentar alcançar o horizonte.

Se tivesse oportunidade, ele daria pontapés nos planetas e iria brincar com as estrelas.

Todos no nosso círculo de amigos, incluindo o seu irmão gémeo e a irmã mais nova, evitam-no como se fosse uma praga, porque ele pode muito bem usá-los para os seus grandes esquemas.

Eu? Acho que eles só estão a ver o lado superficial do Landon. Sim, ele é metódico e tem pouco ou nenhum senso moral, mas não é tão imoral quanto todos sugerem.

— Isto é impressionante — diz ele, depois de algum tempo. — Até desenhaste a localização das câmaras.

— Essas são as que vi nos caminhos que percorri. Deve haver outras em locais onde não fui.

— Não sejas humilde. Nem mesmo os maiores espiões iriam alcançar este nível de detalhe. — Ele envia uma cópia para si próprio, apaga o ficheiro original, depois devolve-me o telemóvel e acaricia-me o cabelo, tal como faria com a sua irmã e a minha amiga, a Glyndon.

— És tão fixe, Ces.

Sorrio, mesmo que uma parte de mim não goste do elogio.

Embora não seja o elogio que me incomoda, mas sim tudo o que vem com ele.

A forma como ele me toca, como faz com a sua irmã. A forma como olha para mim sem nenhum do fogo que sinto por ele no fundo do meu coração.

Continuar a fazer-lhe favores e simplesmente existir na sua órbita não me irá permitir que me aproxime. Se eu não fizer algo a respeito do limbo em que estamos, nunca serei nada mais para ele.

Coloco uma mecha de cabelo prateada atrás da orelha, sentindo-me revigorada agora que não estou com a peruca irritante.

— O que planeias fazer a seguir?

Ele inclina-se para a frente contra o volante, com um sorriso encantador, mas sádico.

— O que mais posso planear além de problemas?

— Posso participar?

— Não. É perigoso. O tio Xan iria perseguir-me com a famosa espingarda do avô e meter um buraco onde antes estava a minha cabeça se, por minha culpa, a sua preciosa filha se meter em perigo.

— Não te preocipes com o meu pai.

— Tens visto o teu pai? Ele tem-nos enviado lembretes diários a dizer que, se algo te acontecer, todos nós iremos pagar. Com sangue. Preciso disso dentro do meu corpo, não fora dele.

Estremeço.

Amo o meu pai de morte e alguns diriam que sou a menina do papá — ou era, antes da minha vida dar uma guinada radical para o inferno. Antes de ele depositar a sua confiança em mim e eu traí-lo da pior maneira possível.

De qualquer forma, o papá é muito protetor, e eu entendo, mas ele não precisa de ser assim.

— De qualquer forma, fizeste tudo tão bem que o MI6 seria uma boa opção se alguma vez pensasses em mudar de carreira. — Ele inclina a cabeça para trás no encosto do banco, parecendo ter saído de um quadro... não, de uma estátua. — Agora, senta-te e observa os pagãos a arder.

Não me importo com isso.

O meu desrespeito pela King's U é principalmente a nível académico, porque, ao que parece, desrespeitei um membro do clube de futebol americano deles ao dizer-lhe «não, obrigada» quando ele me convidou para dançar num *pub*. Desde então, ele e os seus lacaios continuam a roubar-me os livros e a ser uma pedra no meu sapato.

No entanto, isso não tem acontecido muito ultimamente, portanto, eles provavelmente perderam o interesse. Fora isso, não me concentro nos clubes nem nas atividades deles.

— Eu posso ser útil — argumento.

— Foste mais do que útil, foste a melhor. — Passa-me a mão pelo cabelo outra vez. — Mas ambos sabemos que és uma princesa delicada e que te irias partir como porcelana frágil ao primeiro sinal de algo mais difícil, por isso deixa-me tratar disto, está bem, querida?

A sensação de ter sido metaforicamente esbofeteada faz a minha pele latejar e formigar.

As palavras ficam-me presas na garganta, recusando-se a ser ditas em voz alta.

Nunca fui boa a expressar-me — sou boa ouvinte, não faladora. Pelo menos quando se trata de coisas que me dizem respeito.

Amaldiçoo-me por essa característica ao sair do carro do Landon e ouvi-lo acelerar o motor. Com um movimento habilidoso, ele faz marcha-atrás num círculo perfeito antes de disparar para a rua como uma bala.

Por um segundo, permaneço ali, abraçada a mim mesma e deixando o frio do mar penetrar-me nos ossos. O som das ondas a bater contra a costa choca contra os pensamentos em conflito na minha cabeça.

Todos eles começam e terminam com as coisas que eu devia ter dito, mas não disse.

Da maneira como sou, provavelmente nunca vou dizê-las em voz alta.

A minha única opção é mostrar-lhe.

Tenho de mostrar ao Landon que não sou uma princesa delicada e que consigo e vou aguentar as coisas difíceis.

Se for ele, posso deixar que veja essa parte de mim.

Depois de entrar no carro, fecho a porta e tranco-a antes de abrir o navegador do telemóvel.

Está na página inicial do clube de sexo excêntrico do qual o Landon é membro.

Nem mesmo a Glyn sabe disto sobre o irmão. Só descobri através do primo dele e meu amigo de infância, o Creighton.

Ele contou-me tudo, incluindo as fantasias do Landon, para que eu visse que tipo de pessoa defeituosa era o rapaz por quem eu estava apaixonada.

O Creigh estava a olhar por mim, porque acreditava que eu iria acabar por me magoar.

O problema é que o Creigh não faz ideia de que sou igualmente defeituosa.

Provavelmente é por isso que estou apaixonada pelo Landon desde o ensino secundário.

Não é só por causa da conversa que tive com ele naquela época; é também porque descobri que ele gosta das mesmas coisas que eu.

Li o *site* e as suas regras. Existem atividades fetichistas regulares em que os submissos são emparelhados com dominadores, mas também existem outras atividades que podem ocorrer fora do local do clube.

Uma delas é uma atividade fetichista da qual o Landon participa sempre, segundo o Creigh.

Na verdade, ele é o craque do clube nessa atividade em particular e muitos membros novos juntaram-se ao clube por causa dele.

Primal Play.

Também conhecido como «não-consentimento consensual».

Tenho pensado nisso desde que o Creighton me contou o que era, há cerca de duas semanas.

Imaginei todas as maneiras como o Landon persegue aquelas mulheres antes de as foder impiedosamente.

Como ele as devora com o consentimento delas e como isso deve ser emocionante para elas.

Percebo como é demente considerar algo assim emocionante. Mas a fantasia de violação é um fetiche muito comum, especialmente entre mulheres que querem sentir-se livres de alguma forma.

De *qualquer* forma.

Mesmo que seja apenas numa fantasia.

Não se trata de um jogo de poder. Trata-se de abrir mão do controlo e ganhar a capacidade de parar algo tão monstruoso com uma palavra.

É uma linha ténue e é por isso que essa fantasia não deve ser realizada com um estranho ou uma pessoa aleatória.

Não sei como as raparigas deste clube conseguem, mas sei que não seria capaz se não fosse com o Lan.

Eu confio nele.

É por isso que estou disposta a mostrar-lhe esta parte de mim. Tal como antes, sempre que tentei falar, expressar o que sinto, as palavras falharam-me, por isso só me resta agir. Isto significa colocar-me numa posição vulnerável, tal como fiz durante aquele pesadelo, mas agora é diferente. O Lan não é aqueles sacanas.

O Lan não iria usar a minha confiança contra mim. Digito o meu *login* com dedos firmes.

Sim, criei uma conta logo depois de saber pelo Creighton e paguei a taxa de adesão. Mas não participei nem escolhi nenhum evento.

Fui lá uma vez porque eles precisavam de confirmar a minha identidade e idade pessoalmente, e saí a correr do clube com um *blazer* e um chapéu assim que o processo foi concluído.

Estás pronta para libertar os teus fetiches, Featherless03? aparece assim que inicio sessão.

Clico em «Sim» e, em seguida, é-me apresentada uma lista de fetiches e fantasias que o clube pode organizar.

Alguns deles são completamente novos para mim, portanto, pesquisei cada um da última vez que abri a aplicação. Digamos que fiquei um pouco traumatizada com alguns.

Como tenho a certeza de que outros iriam ficar se me vissem clicar em *Primal Play*.

Concordo com as isenções de responsabilidade que dizem que eu devia saber que esse tipo de fetiche é um dos mais sensíveis e que devo ler mais sobre o assunto no *link* que eles anexaram.

Visitei esse *link* noutra ocasião, mas não era nada em comparação com tudo o que tenho lido sobre o assunto desde que comecei a perceber como sou diferente.

Obrigado pelo teu interesse no Primal Play. Lembra-te de que todos os nossos membros submetem-se periodicamente a testes de DST, mas sugerimos o uso de preservativo durante qualquer ato. A tua segurança sexual é importante.

Faz sentido. Eu selecionei que estou a tomar a pílula quando me inscrevi pela primeira vez, portanto eles já sabem disso. Depois de clicar para mostrar que entendi, sou direcionada para a página seguinte.

Responde às seguintes perguntas com a maior atenção possível para que possamos selecionar o parceiro certo para ti.

Gostarias de ser a pessoa que realiza primal play ou aquela que recebe primal play?

Recebe.

Desejas que o teu parceiro seja um homem, uma mulher ou não-binário?

Homem.

Aspeto físico?

Musculado.

Loiro, moreno ou outro (específica)?

Moreno.

Queres que o teu parceiro use máscara ou não?

Hesito, antes de clicar em «Mascarado».

É verdade que estou a mostrar esta parte de mim, mas talvez ainda não estejamos prontos para nos encontrarmos cara a cara.

Selecionei que também irei estar mascarada durante o ato.

Preferência de altura? Seleciona na lista abaixo. Clique em «Nenhuma» se não tiveres preferência.

Clico em 1,95 metros — a altura exata do Landon.

Roupas?

Sem preferência.

Tatuagens?

Sim.

O Lan tem algumas, mas estão escondidas.

Cenário?

Sem preferência.

Hora?

Depois do pôr do Sol e antes da meia-noite.

Dia?

Sem preferência.

Palavra de segurança. Ao dizeres esta palavra, o teu parceiro irá interromper imediatamente o ato.

Fumo.

Insere os teus limites abaixo (sê o mais específico possível).

Engasgar. Drogar. Qualquer uso de substâncias para melhorar o desempenho. Essas são as únicas coisas que me dão arrepios. Trazem-me memórias de quando respirava mal, existia mal e lutava, mas não encontrava saída.

Depois de rever a minha seleção, clico em Enviar.

Obrigado pelas tuas seleções. Iremos notificar-te assim que tivermos encontrado um parceiro compatível. Tem em atenção que este processo pode demorar algum tempo até estarmos confiantes de que podemos satisfazer as tuas escolhas.

Faz sentido.

Passo mais alguns minutos a rever e a reler as minhas respostas para ter a certeza de que está tudo correto. Estou prestes a sair quando um ponto vermelho aparece no topo do ecrã.

Clico e fico paralisada.

Parabéns! Encontrámos um parceiro com os teus critérios específicos. Iremos partilhar temporariamente a tua localização com o teu parceiro durante a(s) hora(s) em que decidires que a ação irá ocorrer. Os detalhes do encontro estão abaixo. Se desejas remarcar ou cancelar, clica aqui para o fazer.

Desço até aos detalhes, com o coração a bater tanto que acho que vou desmaiar.

Isto está mesmo a acontecer.